

ADOLESCÊNCIA: OS DESAFIOS DE UMA FASE

Marília Gabriela Costa Rezende¹

Wilmar Ferreira Neves Neto²

Josiele Garcia da Silva Rodrigues³

Resumo: O presente artigo buscou conceituar a adolescência, a qual é uma concepção recente geralmente associada à diversos estereótipos, de acordo com autores da Psicologia do Desenvolvimento. Além disso, procurou ressaltar a importância do conhecimento sobre a mesma, de forma que ela representa um período de transição em que se abandona a identidade infantil à procura de uma nova que atenda as demandas da idade adulta. Para isso, foram feitas entrevistas semiabertas com adolescentes e suas mães e observou-se que principalmente os adultos e os adolescentes mais velhos veem a adolescência como um período de rebeldia, já os mais novos relacionam este período à fatores de ordem biológica. Essa incompreensão acerca desta fase faz com que os pais adotem posturas inadequadas que não auxiliam o filho em um desenvolvimento saudável, mas acabam por amplificar os conflitos comuns à adolescência.

Palavras-Chave: Adolescência. Identidade. Conflito.

Introdução

Quando se fala de adolescência é preciso considerar a construção sócio-histórica do conceito desta fase do desenvolvimento humano. Segundo Tourette (2009), somente a partir do século XX a adolescência ganhou espaço particular na sociedade, bem como a partir dessa época ela começou a ser estudada por pesquisadores como Erikson, mais especificamente durante a década de 1950. Logo, a adolescência ainda é um tema que merece estudo, pois é muito recente.

Além disso, conforme Knobel (1992, p. 11) afirma, a sociedade “projeta suas próprias falhas nos assim chamados excessos da juventude” e adolescência passa a ser configurada apenas em consoante ao que a sociedade lhe encarrega, tendo que assumir todas os seus conflitos. Então, a concepção de adolescência aparece corrompida no momento em que os jovens passam a ser reprimidos pelo mundo onde vivem como uma fonte de descarga para os problemas não resolvidos por ele mesmo.

Nesse contexto, o presente artigo visa discorrer sobre a formação da identidade do sujeito durante a adolescência, quais são os fatores que influenciam e interferem esse processo e como isso é vivenciado sob o ponto de vista de pais e adolescentes, se de forma natural ou

1 UNIFIMES, Discente do 1º período de Psicologia; mar_iliagab@hotmail.com

2 UNIFIMES, Discente do 1º período de Psicologia; wilmar2012_@outlook.com

3 UNIFIMES, Discente do 1º período de Psicologia; josigarciasilva@hotmail.com

patológica. Diante disso, é importante considerar que para uma boa compreensão da adolescência, é preciso perceber

[...] as necessidades psicológicas de uma adolescência no que antes era uma vida adulta serena, e que hoje não pode ser mais do que uma inquietude, uma instabilidade, uma sensação de fracasso que se deve tentar superar de qualquer maneira a qualquer preço” (KNOBEL, 1992, p. 54).

Diante do recente reconhecimento da adolescência como uma fase do desenvolvimento humano e seu respectivo estudo para a caracterização da mesma, faz-se necessário trazer reflexões acerca da visão da sociedade sobre este período, para tirar dela qualquer tipo de estereótipo que possa ser prejudicial à formação do sujeito em análise.

Revisão bibliográfica

A adolescência é um conceito relativamente recente e por isso pode ser caracterizado como produto de uma construção social. Dessa forma, ela se caracteriza por ser um período de instabilidade, o que muitas vezes é entendido como um fenômeno patológico,

[...] inerente ao desenvolvimento humano, a adolescência não só foi naturalizada, mas também percebida como uma fase difícil, uma fase do desenvolvimento, semi-patológica, que se apresenta carregada de conflitos ‘naturais’ (BOCK, 2007, p. 64).

Entretanto, Erickson (1968) afirma que nenhuma etapa do desenvolvimento humano está livre de crises e conflitos, então, seria natural que os adolescentes passassem por períodos de instabilidade e questionamentos. Diante disso, Knobel (1992) propôs uma reflexão sobre o que ele chamou de “síndrome da adolescência normal”, diferenciando o normal do patológico a partir das características fundamentais deste período, as quais, segundo ele, seriam: a construção de identidade; uma tendência à seguir um grupo; a intelectualização e a fantasia, o questionamento à religião; uma visão do tempo que unifica o passado, presente e futuro; a maturação sexual; o questionamento social; a instabilidade de comportamento; a perda da identificação com os pais; e a instabilidade de humor.

Percebe-se, então, que a adolescência é vista como um período problemático e confuso tanto para quem passa por ela ou para aqueles presentes, para os pais isso é mais intenso ainda já que as relações com o filho mudam e devem passar por um luto pelo seu envelhecimento e pela perda da identidade infantil (KNOBEL, 1992). Há, portanto, uma incompreensão da sociedade a respeito dessa fase, pois se naturalizou a adolescência (BOCK, 2007). Aliás como

afirma Knobel (1992, p. 55), “é o mundo adulto quem não suporta as mudanças de conduta do adolescente, quem não aceita que o adolescente possa ter identidades ocasionais (...) e exige dele uma identidade adulta, que logicamente não tem por que ter”.

Entretanto, é importante destacar que não se pode restringir a adolescência à fatores apenas psicológicos como a irritabilidade ou a rebeldia, ela é, enfim, a integração de aspectos biopsicossociais. Afinal, segundo Knobel (1992), a puberdade é a marca da entrada na adolescência, pois é fator determinante para o luto do corpo infantil e o que ela significa - a capacidade de procriação - bem como o desenvolvimento do ego e o meio em que o indivíduo está inserido irão influenciar a estabilidade do processo de formação de identidade.

A puberdade seria “um período de rápido crescimento físico e maturação sexual” que acontece de formas diferentes entre meninos e meninas (BERGER, 2012, p. 244). Entretanto, apesar de ser um fator biológico, ela é bastante afetada pelo contexto social e, dessa forma, varia de cultura para cultura (BERGER, 2012). Além disso, ela é fator de peso para a construção da identidade, pois marca o luto pelo corpo infantil e a necessidade de mudança do autoconceito, por isso é algo que gera instabilidade no jovem que se vê em um paradigma entre perder sua identidade infantil e ter que se adequar ao mundo adulto (KNOBEL, 1992).

Diante do todo incontrolável - a puberdade e a restrição da liberdade pelos pais - o adolescente de acordo com Aberastury (1992) vê a necessidade de sentir que controla algo e por isso realiza reformas externas que podem ser feitas no próprio corpo no modo de se vestir. Nesse contexto, Aberastury (1992) destaca o conceito de liberdade que é de suma importância, pois a sensação de controle sobre si e de poder experimentar o que desejar são fatores determinantes para a construção da identidade. Entretanto, muitos pais trazem essa liberdade como abandono e o modo pelo qual ela é dada “é definitivo para a conquista de independência e da maturidade do filho” (ABERASTURY, 1992, p. 16).

De acordo com Erikson (1968), a adolescência é um período de transformação, por isso não é algo estável, ela é marcada por crises e se relaciona ao modo como o indivíduo se vê e é visto por aqueles que são significativos para ele. Então, Erickson (1968) afirma haver uma necessidade do jovem em definir uma identidade final devido às mudanças fisiológicas e a incerteza dos papéis de adulto que irá assumir. Porém, segundo Aberastury (1992, p. 15),

Só quando a sua maturidade biológica está acompanhada por uma maturidade afetiva e intelectual, que lhe possibilite a entrada no mundo do adulto, estará munido de um sistema de valores, de uma ideologia que confronta com a de seu meio e onde a rejeição a determinadas situações cumpre-se numa crítica construtiva.

Pode-se afirmar então que para o indivíduo conquistar sua identidade de adulto, ele necessita elaborar todos os seus lutos, deve aceitar suas mudanças corporais, psicológicas e sociais. Além disso, a identidade madura seria conquistada quando o indivíduo perdesse a necessidade da identificação com outras pessoas, implicando em uma reflexão e observação que utilizam todas as funções mentais e que se referem ao julgamento do indivíduo sobre ele mesmo e sobre o dos outros sobre ele (ERICKSON, 1968).

Dessa forma, Knobel (1992, p. 30) afirma que “a consequência final da adolescência seria um conhecimento do si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicossocial de cada ser nesse momento de vida”. Isso leva a crer que o indivíduo precisa formar um conceito de si mesmo, reconstruir a sua visão sobre seu próprio corpo e modificar suas condutas e valores a partir da interação social para definir sua identidade (KNOBEL, 1992).

Materiais e métodos

Para melhor se discutir sobre a adolescência, é importante perceber padrões de discurso sobre o conceito da mesma presentes na sociedade e ouvir os próprios adolescentes sobre seu processo de desenvolvimento. Foram realizadas para o trabalho, então, entrevistas semiabertas com 4 pais e 5 adolescentes, sendo estes considerados para a pesquisa indivíduos de 13 à 21 anos de idade. Nesse sentido, as questões previamente definidas puderam ser usadas como norteadoras para os entrevistadores e possibilitaram um diálogo entre os envolvidos, acompanhando a necessidade do pesquisador de maior esclarecimento sobre as respostas dadas e as demandas dos entrevistados.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados, posteriormente foram transcritas atribuindo nomes fictícios aos participantes para que fosse possível identificar cada um deles e em seguida foram analisadas. Buscou-se, então, entender o comportamento e o pensamento dos adolescentes sobre diversas questões biopsicossociais de seu desenvolvimento para avaliar se o processo está ocorrendo de acordo com as normativas dos principais autores sobre a Psicologia do Desenvolvimento.

As questões de modo geral buscaram coletar informações sobre como se dá a formação da identidade, avaliando as características principais da adolescência descritas por Knobel (1992) no que se refere à tendência a aderir à um grupo, a instabilidade de humor e de pensamento e os lutos inerentes a esse período quanto à perda do corpo, da identidade e da figura dos pais da infância. Além disso, buscou-se coletar definições do senso comum sobre a

adolescência para mostrar como a sociedade incorpora uma verdade universal aos discursos das pessoas.

Resultados e discussão

Quanto à opinião dos entrevistados sobre o que é a adolescência, pode-se concluir que ela é vista principalmente como um período de mudanças do corpo e do pensamento, e que às vezes representa rebeldia e instabilidade. Isso pode ser revelado nos discursos do adolescente Arthur (13), que segundo suas palavras se considera adolescente pelo amadurecimento referente às mudanças corpóreas; e das adolescentes Patrícia (13) e Esmeralda (13) que justificam pelas suas idades. João (20) por outro lado não se considera adolescente mais e sim um jovem porque segundo ele, seus pensamentos e modos de agir mudaram muito em relação à quando ele se considerava adolescente. Já na perspectiva das mães, este período é marcado por uma certa rebeldia, é uma época de escolhas e instabilidade, conforme afirma a mãe de Esmeralda: “é uma fase onde a gente começa a se desenvolver e a se descobrir, também a gente acha que pode e entende tudo, quer ser dono do próprio nariz, acho que é isso”.

Além disso, percebe-se pelos discursos que a formação da identidade dos jovens se dá pela sua relação com o mundo, pois de forma geral os entrevistados se auto definiram a partir de seu humor, caráter e conduta, ou seja, a forma como eles interagem com as outras pessoas e como eles respondem às ordens morais do convívio. Cabe aqui citar o discurso da mãe de Esmeralda quando diz que percebe que sua filha se identifica com a avó e forma sua personalidade a partir de elementos das redes sociais, da igreja e do convívio familiar.

Já quanto à origem dos conflitos entre pais e filhos adolescentes, percebe-se que ela reside na divergência de expectativas entre os dois no tange aos comportamentos esperados pelos adultos que não são os emitidos pelos filhos, ou mesmo às diferenças entre opiniões e o questionamento dos jovens sobre os pensamentos e ações de seus pais. Por exemplo, a adolescente Esmeralda desejava casar e hoje já não quer mais, enquanto sua mãe insiste que ela case algum dia. Além disso, foi muito evidente durante toda a entrevista da adolescente Maria (20) o conflito de ideias que há em sua casa: “meu pai, ele não concorda com muitas coisas que eu penso, que eu falo, que eu faço e minha mãe também”.

Quando as mães foram indagadas se já esperavam que o processo de desenvolvimento do filho seria assim, aquelas que tinham filhos mais velhos revelaram que não esperavam, pois havia uma tendência a comparar a experiência com o filho mais velho à do mais novo. A mãe Glória disse que ela “não sabia o quanto é difícil entender um adolescente com suas

transformações, para cada filho é uma situação diferente”, este tipo de discurso das mães revela a subjetividade de cada indivíduo que segundo Bock (2001, p. 25) é a “síntese singular e individual que cada um de nós vai constituindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural”. Dessa forma, é impossível estabelecer um padrão para definir a adolescência, pois cada indivíduo reage de modos diferentes ao mesmo contexto.

Para verificar o processo de luto pelos entrevistados foram feitas as perguntas para o filho: “você sente que algo mudou na relação com seus pais da infância para a adolescência?” e para os pais: “do que mais sente falta do seu filho quando criança?”. O que mais ficou evidente é a dificuldade dos pais em estabelecer diálogo com os filhos, alguns até afirmaram que a sua relação ficou mais distante e que sentem falta justamente de poder conversar sem repreensão com seus filhos. Já os filhos muitos relataram um distanciamento dos pais de certa forma por terem ganhado mais liberdade como disse Esmeralda: “eu tenho mais liberdade pelo fato de ter crescido, privacidade”.

Entretanto, segundo Aberastury (1992), a liberdade é um fator fundamental para o desenvolvimento da personalidade e é preciso saber dosá-la para que ela não se torne um abandono dos pais ou que não sufoque o adolescente. Afinal,

Toda adolescência tem, além da característica individual, as características do meio cultural, social e histórico desde o qual se manifesta, e o mundo em que vivemos nos exige mais do que nunca a busca do exercício da liberdade sem recorrer à violência para restringi-la (Aberastury, 1992, p. 22).

Foram feitas questões também aos pais e aos adolescentes sobre a perspectiva deles de futuro e percebeu-se que eles não têm uma visão bem estabelecida, ela é marcada por uma instabilidade. Arthur nem mesmo pensa sobre o futuro, “para falar a verdade eu nunca fiquei pensando no que que eu vou fazer tipo quando eu for pra faculdade” ele só pensa no agora e no amanhã. Em seu discurso percebe-se a “deslocalização temporal” citada por Knobel (1992) em que o indivíduo resume a realidade naquilo que pode ser percebido como ação.

Por outro lado, João idealiza seu futuro realizando uma atividade que lhe dê satisfação, o que vai de encontro à ideia de Erikson (1968, p. 131, tradução nossa) que após idade escolar o indivíduo adquire “o desejo de fazer algo funcionar e funcionar bem”. Entretanto, segundo Berger (2012), o egocentrismo dificulta o planejamento sobre o futuro e em geral as decisões que eles tomam são influenciadas pelas pessoas com quem eles convivem. Afinal, conforme Erikson (1968) afirma, eles se preocupam mais com a visão dos outros sobre eles do que com o que lhes é de fato importante.

Sobre as amizades, não foi evidenciada durante a entrevista a influência das amizades sobre a personalidade do adolescente, apenas uma mãe mencionou esse fator. Erikson (1968, p. 130) afirma que a crise de identidade na adolescência é acompanhada de uma “necessidade do indivíduo em confiar em si mesmo e nos outros” o que pode ser evidenciado quando os adolescentes disseram achar importante ter amigos, mas é importante saber escolher bem quem o são, pela lealdade e confiança atribuída à eles, conforme disse Arthur: “aí quando você tem uns amigos na escola que eles fazem ‘sacanagem’ com você aí não vira” e também João: “eu acho que ter amigos é muito importante, só que você tem que saber escolher os seus amigos”.

Já sobre ir à escola ou faculdade, percebeu-se que este ambiente é visto principalmente como meio para a socialização, um lugar às vezes desagradável e às vezes interessante pelo conhecimento que se aprende ali. Além disso, muitos dos entrevistados disseram se sentir bem ali, pois é um lugar onde eles se tranquilizam. Dessa forma, a instituição de educação se torna um escape para o ambiente familiar conturbado.

Já as mães de Arthur e de Esmeralda revelaram que os filhos têm comportamentos na escola diferentes dos que apresentam em casa, Arthur é mais responsável em casa e no trabalho, diferentemente de Esmeralda que é mais responsável na escola. Entretanto, isso apenas reflete a visão que esses jovens têm sobre o ambiente escolar, Arthur acha desnecessário e Esmeralda acha importante, então o adolescente, que pode assumir diferentes condutas ao longo de um mesmo dia (KNOBEL, 1992), modifica suas ações dependendo do ambiente em que está visto que apresentam uma personalidade que tudo absorve e realiza projeções e introjeções a todo instante.

Considerações finais

A partir deste estudo, pode-se perceber que a adolescência é comumente estereotipada como um período de rebeldia, discurso que foi incorporado pelos próprios adolescentes. Além disso, a relação entre pais e filhos reflete grande dificuldade de entendimento sobre este período do desenvolvimento humano, os pais acabam por dar uma liberdade extrema, que é percebida mais como um abandono por Aberastury (1992), ou por estabelecer uma forte restrição sobre a vida do jovem, o que dificulta o processo de construção da identidade.

É importante, portanto, desmistificar essa visão estagnada sobre a adolescência que foi percebida durante as entrevistas em um discurso sobre uma adolescência rebelde e complicada e buscar melhor compreender esse processo de construção do ser, pois essa é uma

fase determinante para a formação da personalidade do indivíduo e onde é possível impedir que o ciclo dessa sociedade esquizoide descrita por Knobel (1992) se perpetue.

Diante desses ambientes familiares conturbados, os adolescentes veem a escola como um lugar onde eles podem ser quem eles quiserem, o que explicaria a diferença de comportamento relatada por algumas mães durante a entrevista quando comparados os ambientes escolar e familiar. Além disso, percebe-se um discurso não próprio dos jovens, mas sim da sociedade, ao relacionarem a escola à um meio para garantir o futuro e por isso acharem que devem ir às melhores escolas e fazer os cursos mais bem vistos socialmente (BERGER, 2012).

Os pais precisam dar, então, uma liberdade sem excessos, com cautela e acompanhamento, devem saber reconhecer o momento em que seus filhos estão abertos ao diálogo porque é importante que ele seja estabelecido, mas se não foi conquistado na infância será difícil conquistá-lo na adolescência (ABERASTURY, 1992). Para isso, os pais devem elaborar bem seus lutos provenientes do crescimento do filho, eles devem aceitar que estão envelhecendo e que seus papéis como pais estão mudando (KNOBEL, 1992).

Referências

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 9-61, 1992.

BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa**: da infância à terceira idade. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. Campinas: **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007.

ERIKSON, Erick H. **Identity**: Youth and crisis. Londres: Faber and Faber, 1968.

TOURRETTE, Catherine; GUIDETTI, Michèle. **Introdução à psicologia do desenvolvimento**: do nascimento à adolescência. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.